

QUESTÕES DE VIDA – 25

EM SILÊNCIO...

“Nihil silentio melius” – Nada mais útil que o silêncio. ⁽¹⁾

Será isto verdade? Será que não há mesmo nada mais útil? Pôde o silêncio, alguma vez, fazer alguma coisa? Não se terá enganado o célebre poeta latino?

Só quem procurou e saboreou o silêncio é que o pode apreciar e estar plenamente de acordo.

Entra dentro de ti mesmo. Procura, serenamente, afastar-te, quanto possível, de todos os ruídos exteriores. Sei que não é fácil. Mais difícil ainda é o afastamento e a eliminação de todos os ruídos interiores de que estás repleto e que são ainda mais contrários e inimigos do silêncio. Mas tenta, uma, duas e muitas vezes....

Dos muitos medos que temos, também temos medo do silêncio. E porquê? Porque o silêncio nos obriga a entrar dentro de nós mesmos, a vermo-nos à transparência, sem disfarces e sem ambiguidades, sem roupagens sedutoras e enganadoras, sem mentiras e desculpas e meias verdades. Numa palavra, o silêncio mostra-te, necessariamente, aquilo que és, a verdade que tu és. É por isso que a fuga ao silêncio é a fuga a ti mesmo e a fuga a ti mesmo é a fuga à verdade.

Quando falas mais ou muito mais do que ouves, quando não és capaz de passar uns instantes sem recorrer à rádio ou à televisão, ao computador ou a um desses meios ultramodernos que te preenchem os ouvidos e te abafam a cabeça, estás a fugir daquele silêncio de que tanto precisas!

Os minutos de silêncio nos Parlamentos e nos Campos de Futebol e outros similares não passam de meros actos convencionais e que, só por o serem, já nada dizem.

O filósofo Séneca, mais ou menos contemporâneo de Cristo, afirmou: “ todas as vezes que estive no meio dos homens voltei menos homem” Seria por ter feito silêncio? Com certeza que não. E tu?

O silêncio imposto é uma agressão; o silêncio procurado e querido, desejado e amado, é uma bênção. Quando este acontece, é quando estamos mais perto da verdade e d’Aquele que nos habita.

O nosso medo do silêncio é tão forte que até aqueles que nos são prescritos nas nossas celebrações e chamamos “silêncios sagrados” eliminamos ou reduzimos ao mínimo por não os julgarmos importantes e, por isso, necessários. Que pena!

Sê silêncio, sempre e em toda a parte, e esse modo de estar na vida notar-se-á em tudo.

Nada mais útil que o silêncio.

Sê silêncio.

Pe António Belo

⁽¹⁾ Horácio, Livro 3º, Ode 2ª.